

## PARA O OUTRO LADO DA REDE: A MIGRAÇÃO DE JOGADORES DE VOLEIBOL PARA O BRASIL

Jeferson Roberto Rojo<sup>1</sup>

Marcos Roberto Brazil<sup>2</sup>

Fernando Augusto Starepravo<sup>3</sup>

**Resumo:** O estudo objetivou analisar a migração de atletas estrangeiros para competir na Superliga Brasileira de Voleibol. Este estudo, de caráter descritivo, utilizou-se de pesquisa documental e os dados foram coletados junto à Confederação Brasileira de Voleibol (CBV). Os resultados apontam que não há um padrão de crescimento de atletas estrangeiros que migraram para o voleibol brasileiro. Observou-se também que o maior doador de estrangeiros para o Brasil foram os Estados Unidos entre as mulheres e Cuba entre os homens. Concluiu-se que o padrão de migração dos estrangeiros no voleibol brasileiro é predominantemente continental e que a vinda desses atletas para o Brasil pode ser explicada pelo fato de estarem buscando oportunidades de trabalho dentro do esporte, uma vez que em seus países de origem há pouca ou nenhuma maneira de exercer a profissão, ao mesmo tempo em que há uma forte produção de talentos esportivos.

**Palavras-chave:** Esporte; Migração; Voleibol; Brasil; Globalização.

### To the other side of the net: the migration of volleyball players to Brazil

**Abstract:** The study aimed to analyze the migration of foreign athletes to compete in the Brazilian Volleyball Super League. This descriptive study used documental research and data were collected from the Brazilian Volleyball Confederation (CBV). The results indicate that there is no growth pattern for foreign athletes who migrated to Brazilian volleyball. It was also observed that the largest donor of foreigners to Brazil was the United States among women and Cuba among men. It was concluded that the pattern of migration of foreigners in Brazilian volleyball is predominantly continental and that the arrival of these athletes to Brazil can be explained by the fact that they are looking for job opportunities within the sport, since within their countries of origin there are little or no way to exercise the profession, while there is a strong production of sports talent.

**Keywords:** Sport; Migration; Volleyball; Brazil; globalization.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá. Email: jeferson.rojo@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Maringá. Email: mrbrasil2@uem.br

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Maringá. Email: fernando.starepravo@hotmail.com

## **Introdução**

A migração esportiva vem sendo discutida por autores de diferentes países e há alguns anos (ROJO; RIBEIRO; STAREPRAVO, 2021). Segundo Maguire e Falcous (2010), a área atraiu os olhares de economistas, historiadores, sociólogos, geógrafos e cientistas políticos. Em relação aos esportes, um mapeamento diagnosticou um total de 32 modalidades que receberam a atenção dos pesquisadores, sendo que as pesquisas são majoritariamente com foco no futebol (ROJO; NJORORAI; STAREPRAVO, 2020).

Maguire (2013) remonta à década de 1980 o início da vertente dos estudos sociais dentro do esporte, com pesquisas sobre migração esportiva. Entretanto, Carter (2013) aponta que os estudos sobre a temática ainda indicam a necessidade de qualificação das pesquisas. A mesma discussão é fomentada por Magee e Sugden (2002) e Maguire (2004), que apontam para a necessidade de melhora dos recursos investigativos para os estudos. Para os autores de ambos os lados do diálogo, tem-se a necessidade de utilização de fontes empíricas primárias para as análises posteriores.

Quando se dirige à discussão para o campo da migração enquanto um fenômeno social de maneira mais ampla, que envolve diferentes categorias, grupos sociais e localidades, percebe-se uma argumentação ainda latente no sentido de qualificar os estudos da área. King (2012) atenta para a necessidade de analisar a complexidade do fenômeno da migração para além de uma perspectiva exclusivamente estrutural, bem como exclusivamente individual, analisando a interação entre agentes e estrutura. O'Reilly (2013) revela um dualismo nas pesquisas, sendo, por um lado, olhado a nível predominantemente micro, e por outro, com uma visão macro. Ressalta-se aqui, que mesmo partindo da defesa de um quadro teórico específico, a autora formula a intenção de ampliar as formas de olhar para o fenômeno da migração, integrando diferentes disciplinas e quadros teóricos, permitindo, assim, compreender a mobilidade de pessoas entre países a partir não só das questões econômicas, como também de aspectos políticos, sociais e geográficos.

Não diferindo, no caso específico do esporte, com o passar dos anos os estudos sobre a migração ganharam alguns quadros conceituais específicos, como é o caso da tipologia do migrante (MAGUIRE, 1994; MAGEE; SUGDEN, 2002). A princípio, os estudos da migração esportiva eram encontrados nas produções sobre a globalização do esporte e ganharam peso significativo no avanço das novas formas de olhar para esse fenômeno (DONNELLY, 1996). A migração de trabalhadores do esporte é um

processo que deve ser analisado juntamente a outros fluxos culturais globais (MAGUIRE, 1994). Para Carter (2013), os modelos mais evidenciados nas produções de conhecimento sobre a migração de mão de obra do esporte são o da globalização, do “Network”, e o sugerido pelo autor, que é o modelo de local.

Pesquisadores que abordam a temática pela ótica da globalização expõem que uma das definições dos processos de globalização é a “internacionalização”, ou seja, a migração internacional de pessoas (LOVE; KIM, 2011). Há ainda aqueles que abordam a globalização sob o viés econômico. Para esses autores o esporte se transformou em um produto mercantilizado, atletas são vendidos e comprados, principalmente pelos países da Europa e Estados Unidos, onde se paga melhores salários e se tem altos padrões de vida (LEE, 2010). A partir do exposto, compreende-se que, assim como no contexto mais amplo de pesquisas sobre migração, as análises em pesquisas sobre a migração esportiva precisam avançar no sentido de uma qualificação dos estudos.

A busca por modelos analíticos que objetivam uma análise ampliada e multifatorial do fenômeno da migração esportiva é constante. Dentre as opções, o presente estudo optou por apropriar-se do modelo analítico da migração esportiva pautado nas dimensões que influenciam o processo migratório, desenvolvido por Rojo (2020). A proposta parte da compreensão apresentada por Bourdieu e Wacquant (2000), a qual aponta que é necessário iniciar as discussões compreendendo como se deu o processo de migração dos indivíduos migrantes. Ademais, é importante compreender a escolha do Brasil como destino.

Ao adaptar a proposta de leitura sociológica de Giddens (1991) em que analisa fenômenos a partir de dimensões, Rojo (2020) propõe a leitura da migração esportiva a partir de quatro dimensões. Dimensão Cultural, que busca compreender se a cultura esportiva do país influencia no desenvolvimento de talentos esportivos, gerando excedentes e consequentemente, forçando-os a migrar. Dimensão política, que analisa as regulamentações para a participação de estrangeiros em competições, tanto de natureza estatal como institucional esportiva. Dimensão econômica, parte da identificação das condições socioeconômicas dos países envolvidos, e analisa se a desigualdade entre eles é fator preponderante para a saída do atleta migrante. Por fim, o autor apresenta a dimensão pessoal, que se refere às escolhas e contatos vinculados por parte do indivíduo migrante.

Em relação ao objeto de pesquisa, este estudo volta-se à modalidade do voleibol, um esporte que recebe pouca atenção dos pesquisadores da migração esportiva. O

estudo justifica-se também em relação à origem dos estudos e a posição dos países. Os estudos sobre migração esportiva são produzidos majoritariamente por pesquisadores europeus (ROJO; RIBEIRO; STAREPRAVO, 2021). Além disso, quando o Brasil se insere na dinâmica migratória pesquisada, esse olhar vai no sentido do país como o ponto de origem dos atletas, sendo pouco ou não evidenciado como destino dos migrantes (MARQUES; MARCHI JUNIOR, 2021). Sem falar pela tradição esportiva desta modalidade no país, tendo juntamente com outros países como França, Itália, República Tcheca, Estados Unidos, Polônia, ser um dos fundadores da principal entidade responsável pela organização de competições mundiais da modalidade, a saber, a Federação Internacional de Voleibol (FIVB, 2022).

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a migração de atletas do voleibol com destino ao Brasil. Para isso, se apropria de uma tentativa de compreensão de múltiplos fatores para o fenômeno, buscando ampliar as perspectivas de análise da migração do esporte no contexto global.

## **Método**

Adentrando as classificações a respeito das metodologias de pesquisa, observa-se que uma série delas são utilizadas na sociologia do esporte, e são frequentemente caracterizadas como quantitativas e qualitativas (MAGUIRE, 2016). Para o presente estudo, as análises são majoritariamente quantitativas. No entanto, com o objetivo de fortalecer o aporte de informações e dados, ambos os métodos foram apropriados. A esse respeito, Gratton e Jones (2010) afirmam que a utilização complementar de métodos qualitativos e quantitativos seja capaz de produzir um resultado que pode destacar as contribuições significativas de ambos.

O nível de pesquisa compreendida neste estudo é classificado enquanto uma pesquisa explicativa (GRATTON; JONES, 2010). Esse tipo de pesquisa é caracterizado pela preocupação central em identificar os fatores que determinam ou colaboram para o acontecimento dos fenômenos, avaliando as relações causais entre as variáveis (GRATTON; JONES, 2010). Para os autores, a pesquisa explicativa é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois analisa o porquê das coisas. Ainda na caracterização da pesquisa explicativa, Gil (2008) salienta que essas pesquisas necessitam de algum tipo de arcabouço teórico para que a explicação possa ser deduzida dos dados.

A técnica de pesquisa utilizada foi a pesquisa documental. De acordo com Gil

(2008), esse tipo de pesquisa tem por característica a utilização de fontes de natureza primária, ou seja, documentos que ainda não receberam tratamento científico. Os dados obtidos por meio da pesquisa documental, mesmo que sejam informações referentes aos indivíduos/atores sociais, não são coletados diretamente com os participantes de pesquisas.

De acordo com Gil (2008), as fontes de documentação podem se caracterizar em 4 tipos diferentes, sendo elas registros estatísticos, registros institucionais escritos, documentos pessoais e comunicação de massa. No presente estudo, utilizou-se de duas dessas fontes de documentação. Os registros institucionais escritos podem ser encontrados na forma de documentos governamentais, como projetos de lei, decretos, atas, sentenças e documentos registrados. Como documentos não governamentais há relatórios, atas, normativas, registros, entre outros (GIL, 2008). Utilizou-se então de documentos não governamentais, que se materializam no formato de registros da Confederação Brasileira de Voleibol sobre a presença de atletas estrangeiros no campeonato brasileiro.

Também foram apropriadas fontes de documentação de comunicação de massa, que são arquivos no formato de jornais, revistas, rádios, televisão, sites (GIL, 2008). Foram utilizadas reportagens publicadas em sites de notícias esportivas, principalmente referente à atuação dos atletas estrangeiros no Brasil. Os documentos elencados anteriormente tiveram como propósito fornecer elementos para as análises sobre o padrão de migração dos atletas estrangeiros em atuação no Brasil. Buscou-se também as normativas que regem a atividade desses indivíduos no território brasileiro.

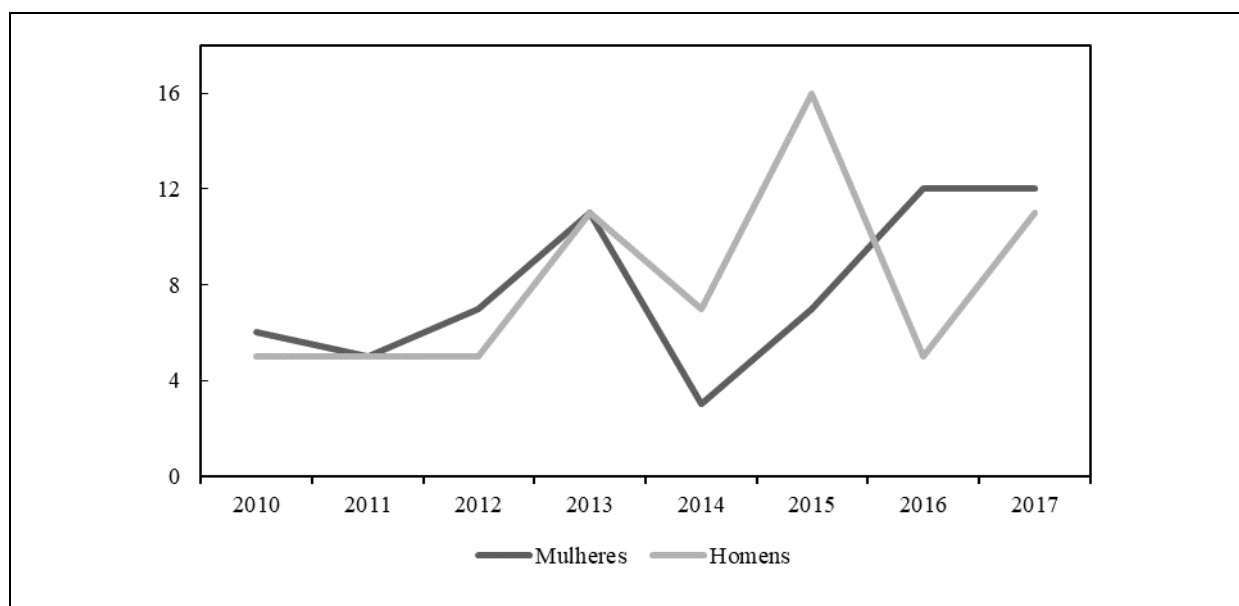
Além disso, dentro desse recorte metodológico utilizamos um dos mais difíceis e concorridos campeonatos a nível mundial, a Superliga de voleibol brasileiro. Seu primeiro campeonato oficial foi realizado em 1944 e após 50 anos, em 1994, ganhou o nome de Superliga, sendo o torneio que congrega as maiores legitimidades das equipes de voleibol brasileira (MARONI; MENDES; BASTOS, 2010).

O estudo apresenta um recorte temporal que engloba as temporadas de 2010 até o ano de 2017, fechando assim 8 temporadas da competição. Os dados contidos no relatório foram transferidos para a planilha do pacote Microsoft Excel, onde foram tratados e apresentados a partir de uma estatística descritiva, gerando as informações para as análises deste estudo. Vale ressaltar que o número de jogadores é a soma do volume de cada temporada. Ou seja, um mesmo atleta pode ter participado em mais de uma temporada e em mais de uma equipe.

## Resultados e discussões

O ponto de partida para as análises que buscam a compreensão do processo migratório de pessoas envolvidas com o esporte perpassa o diagnóstico dos atletas que migraram para o Brasil para se dedicarem ao esporte. No caso do voleibol, encontrou-se 45 atletas que atuaram na Superliga brasileira de voleibol entre os anos de 2010 e 2017.

**Figura 1:** Número de atletas estrangeiros por ano.



**Fonte:** elaborado pelos autores.

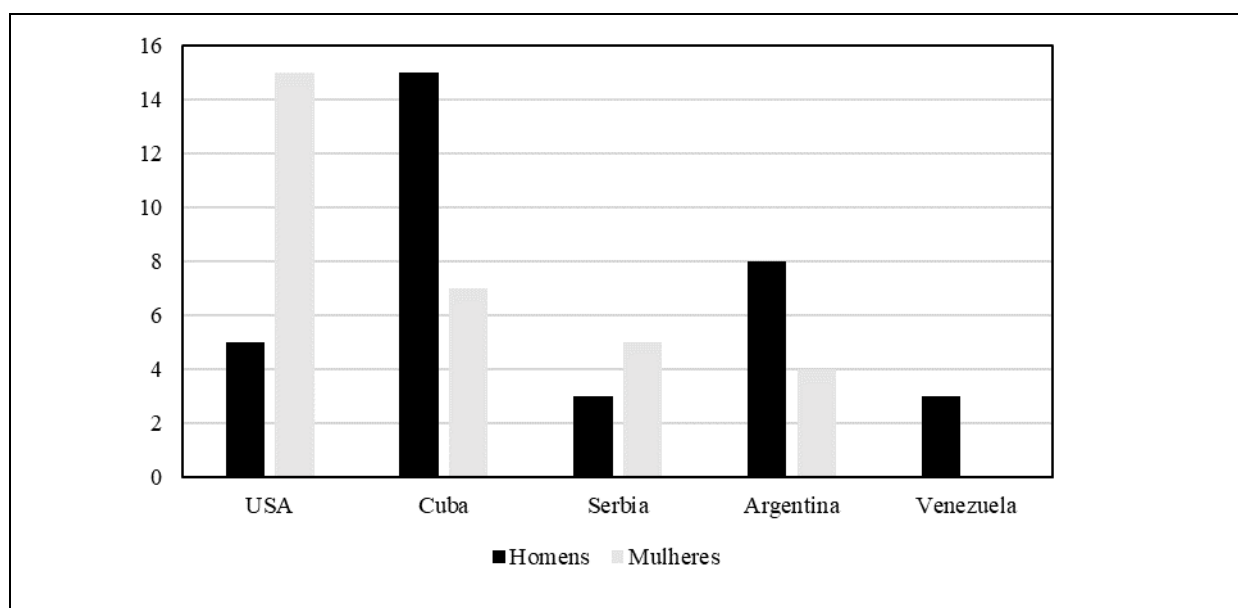
Quanto à participação de jogadores estrangeiros, diagnosticou-se que não há um padrão de crescimento. Nos primeiros registros fornecidos pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) no ano de 2010, somaram-se aos jogadores nativos do Brasil um total de 11 estrangeiros. Já em 2017, último ano do recorte temporal, havia 23 atletas estrangeiros nos times brasileiros, destes, 11 masculino e 12 feminino. No entanto, mesmo com notável crescimento, ele não ocorreu de forma regular e uniforme.

A partir dos dados apresentados, compreende-se por alguns elementos que o aumento de estrangeiros nas competições brasileiras foi observado em ambos os gêneros. Em uma análise panorâmica pode-se relacionar tal achado à discussão de Poli e Besson (2011), em que os autores destacam que esse fenômeno pode ser consequência do trabalho globalizado no esporte.

Nesse sentido, observando a literatura acadêmica, bem como o levantamento dos estrangeiros em atuação no Brasil, entende-se que quanto mais avançado o processo de globalização da modalidade, maior o número de ocorrências de deslocamento de indivíduos. Assim, observa-se o aumento da migração de atletas no futebol (RIAL, 2008; POLI; BESSON, 2011), no basquete (CHIBA, 2013; CROSSAN, 2017), no atletismo e nas corridas de rua (NJORORAI, 2012; NUNES; ROCHA, 2019), e não diferente, no caso do voleibol (PONTES et al, 2018).

Para compreender a inserção do Brasil enquanto ponto geográfico de recepção dessa movimentação de atletas, consolidando-se não somente como um país doador de talentos, como também enquanto intersecção dessa teia de inter-relação do esporte global, foi analisada a origem dos jogadores estrangeiros que migraram para o voleibol brasileiro.

**Figura 2:** Número de atletas por país.



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Com uma diferença particular no que tange às realidades entre os sexos nas Superligas de voleibol no Brasil, observa-se que há dois países que se destacam como origem dos estrangeiros presentes no país. No sexo masculino, destaca-se a origem cubana, de 15 dos jogadores que vieram ao Brasil, nesses oito anos. Já no sexo feminino, os Estados Unidos doaram 15 jogadoras, sendo o maior doador de atletas. Na segunda posição essa dinâmica se altera, aparecendo a Argentina (8), seguida pelos Estados Unidos no masculino (5). No feminino a segunda posição é ocupada por Cuba (7).

Apresentados os países que mais enviaram atletas para a competição brasileira de voleibol, é importante destacar que os dados ainda revelam que outras 18 nações se configuram como origem de jogadores que migraram para o Brasil. No entanto, com dados de menor intensidade.

Compreender esses dados levantados perpassa a análise a partir das dimensões da migração esportiva (ROJO; STAREPRAVO, 2021). Ou seja, analisar suas relações com as leis e regulamentações que permitem o trabalho esportivo no país, tanto oriundo do Estado, como também normas das instituições de representatividade esportiva, condições socioeconômicas dos países, cultura esportiva e/ou capacidade de produção de talento esportivo.

A dimensão política aborda pontos que podem facilitar ou restringir o acesso e participação de jogadores estrangeiros nos campeonatos nacionais. A esse respeito observa-se no Brasil, por parte do Estado, o surgimento da lei nº 9.615/98, mais conhecida como Lei Pelé, que segundo Rial (2008), é muito semelhante à Lei de Bosman. Em síntese, a Lei Pelé instituiu uma maior flexibilização da relação do jogador, tornando-o um trabalhador com direito de escolha em relação ao exercício de sua força de trabalho (RIAL, 2008). O dispositivo, mesmo que muito atrelado ao campo do futebol, por se tratar da lei geral do esporte no Brasil, pode ser aplicado aos demais esportes.

O caso de Bosman é um dos mais populares no meio jornalístico e no meio acadêmico. O caso trata-se de um jogador que apelou judicialmente para ter uma liberação para atuar por outra equipe. A situação foi base para o acordo assinado em 1995, permitindo jogadores a atuarem em outros países dentro da Europa (MADICHIE, 2009; BINDER; FINDLAY, 2012). Diante da repercussão do caso, estudos foram realizados para analisar as implicações (MADICHIE, 2009) e os efeitos (BINDER; FINDLAY, 2012) gerados a partir da implementação da lei.

No entanto, não apenas o Estado atua na regulação do setor esportivo, as organizações de representação da modalidade também estabelecem suas regras e regulamentações para a presença de jogadores estrangeiros em seus eventos. No caso da Superliga de Voleibol, a Confederação Brasileira de Voleibol é quem faz esse papel. Nesse sentido, observa-se que a entidade utilizava o *Ranking Oficial de Atletas (ROA)* para controlar e minimizar o desequilíbrio entre as equipes participantes do campeonato (TAVARES et al, 2019). Os autores analisaram um documento que além de ser um instrumento de controle das disparidades no desempenho das equipes,



também atuava enquanto um limitador da presença de atletas estrangeiros nas equipes nacionais, autorizando apenas dois atletas por equipe (PONTES et al, 2018; TAVARES et al, 2019).

Outro ponto a ser compreendido é a respeito do posicionamento dessas modalidades dentro da cultura dos países envolvidos. Na dimensão cultural tem-se peso maior para a cultura esportiva dos países envolvidos nos fluxos migratórios, ou seja, para a compreensão da posição da modalidade dentro do espaço social dos países envolvidos.

Ao voltar os olhares para o Brasil, observa-se que é considerado “o país do futebol”, ou como diz Júnior (2013), Brasil é o país de grandes futebolistas, sendo que daqui saíram diversos jogadores considerados como os melhores do mundo, muitos deles assinando contratos milionários. Os jogadores de futebol brasileiros ocupam uma parte econômica e numérica significativa de um mercado globalmente conhecido, no qual se concentram os principais jogadores e clubes (RIAL, 2008). No entanto, o estreitamento do Brasil com o futebol vai além do desenvolvimento de atletas, sendo o esporte uma parte da cultura e identidade nacional (ABRAHÃO; CALDAS, 2022).

Por outro lado, mesmo compreendendo a disparidade do futebol dentro da cultura brasileira, em relação ao voleibol dentro da cultura popular do país, constata-se que a representação internacional o consolida enquanto líder mundial da modalidade (ALMEIDA et al, 2012; MOREIRA; VLASTUIN; MARCHI JR, 2013). E internamente, Kasznar e Graça Filho (2002), apresentam que naquele período a modalidade havia conquistado espaço de preferência da população brasileira, atrás do futebol, sendo inclusive transmitida em TV aberta.

No que tange aos dois grandes doadores de atletas para o voleibol brasileiro, observa-se cada qual com suas peculiaridades. De um lado encontra-se Estados Unidos, um país considerado central dentro da economia global. Por outro lado, Cuba, país caribenho classificado como periférico no mundo globalizado.

Por mais que as posições dentro da economia global ocupadas pelos dois países sejam diferentes, quando se volta o olhar para os aspectos esportivos, ambos têm grandes semelhanças. Os países obtiveram importantes resultados internacionais com suas seleções. No entanto, ao se tratar da profissionalização nas competições internas, esse cenário não se repete.

Nos Estados Unidos, o voleibol está presente dentro das competições universitárias, sendo a competição feminina a com maior concentração de equipes. No

entanto, ao comparar a modalidade com outros esportes universitários o prestígio é relativamente baixo (ZAPALAC; ZHANG; PEASE, 2010). Mesmo que existam e desenvolvam-se importantes talentos, a modalidade não é primária para a cultura do país. Outro ponto a se considerar é que até o ano de 2018 não havia uma liga profissional de voleibol nos Estados Unidos, até que foi criada a NVA (*National Volleyball Association*), que surge como uma forma de profissionalizar a modalidade no país (NVA, 2020).

O mesmo ocorre com o voleibol cubano. No país não existe uma liga profissional da modalidade (RIBEIRO et al, 2020). De acordo com Barifouse (2019), não há clubes para jogar em Cuba e, segundo sua reportagem, jogadores que representam o país em sua seleção de voleibol recebem em média US\$ 8 por mês, o que motivaria os jogadores a deixarem o país, onde os esportes mais populares são o boxe e o baseball (WAGNER, 1984).

Há que se destacar o exemplo da Cuba nesse processo. Além de se configurar como o maior doador de jogadores do masculino e com grande representatividade no voleibol feminino brasileiro, fatores políticos e baixa remuneração salarial fazem com que esses jogadores, além de buscar outros países, busquem também a cidadania para representar internacionalmente outro país. Jogadores de nacionalidade cubana como Wilferdo Leon (sem dúvida um dos grandes nomes atuais em sua posição, que atualmente é naturalizado polonês e representa o país em competições), o naturalizado brasileiro Leal Hidalgo (RIBEIRO et al, 2020), o italiano Osmany Juantorena e as naturalizadas russa Rosir Calderón e italiana Taismary Agüero, são exemplos de jogadores cubanos que buscaram e conseguiram junto à FIVB autorização após cumprir os critérios da organização para competir por outro país que não o de sua nacionalidade.

Para além das posições dos países no sistema mundial de classificação do esporte, é importante considerar a questão econômica. Nesse sentido, o *status* do Brasil dentro do sistema global se classifica como um país de semiperiferia. Sendo assim, compreende-se que por mais que fatores econômicos sejam variáveis importantes a se considerar na análise do processo migratório, esse não pode ser resumido. Observa-se um país central (EUA) e um país periférico (CUBA) enviando jogadores à liga de voleibol brasileira, sendo o Brasil semiperiférico. No entanto, compreendendo as dinâmicas do voleibol e sua representação dentro do campo esportivo mundial, mesmo em ambas as localidades não sendo a modalidade primária,

são grandes representantes desse esporte no contexto mundial. Diante disso, a não existência ou a recente instauração de possibilidades de atuação em suas origens influenciam, ou influenciaram, os jogadores desses países a se deslocarem para o Brasil.

Por fim, em relação à dimensão pessoal, observa-se que os atletas que buscam o Brasil são atletas de nível técnico internacional. Mesmo o Brasil não sendo economicamente atrativo em relação aos outros destinos possíveis, o alto desempenho esportivo brasileiro no voleibol é um fator considerado no cálculo efetuado pelos jogadores na escolha do país.

Associado às questões técnicas, entrevistas realizadas com jogadores que atuaram no voleibol brasileiro revelam outros pontos que consideraram para a escolha. O relato da atleta americana Danielle Scott aponta para a cultura brasileira.

A Superliga foi muito importante na minha carreira como atleta, e é uma das ligas mais fortes do mundo. Ter jogado tantos anos no Brasil me ajudou bastante, conheci pessoas importantes para a minha vida e treinei com ótimos técnicos. O povo e a cultura brasileira me marcaram. Não me surpreende tantos jogadores daqui dos Estados Unidos terem ido jogar na Superliga, pois o nível é muito alto (OLIMPÍADA TODO DIA, 2020).

Já para a cubana Daymi Ramirez, associada à qualidade do voleibol, estão as pessoas envolvidas com o esporte, e de acordo com a jogadora isso é um dos motivos para seu desejo em atuar no Brasil.

O Brasil sempre foi um país que eu sonhava em jogar. A qualidade do voleibol praticado e as pessoas envolvidas foi o que me motivou a disputar a Superliga. Durante os anos que estive por lá aprendi muitas coisas, inclusive taticamente, que trago comigo até hoje. O momento que mais me marcou foi a final que joguei pelo Dentil/Praia Clube na temporada 2015/2016 (OLIMPÍADA TODO DIA, 2020).

Novamente, a relação pessoal é considerada como um dos fatores para calcular a escolha do Brasil como destino para o voleibol. O atleta marroquino Mohammed Al Hachdadi afirma que

A principal razão para que eu escolhesse o Brasil para jogar foi a oportunidade de aprender com a escola brasileira de voleibol, especialmente com o técnico Renan. A temporada que passei em Taubaté, a Superliga é uma competição de alto nível, assim como a seleção nacional, foi um ganho enorme para a minha carreira. Outro aspecto que me marcou muito foi o carinho dos fãs, que me trataram com muito carinho (OLIMPÍADA TODO DIA, 2020).

Já para o americano Sander, o Brasil além de oferecer um bom nível técnico

para os jogadores, também apresenta uma condição climática que o atraiu.

Eu fiquei muito animado com a oportunidade de jogar num time forte, com um ótimo técnico. O Brasil tem uma das melhores ligas do mundo e nem tantos jogadores estrangeiros têm a oportunidade de jogar aqui. É muito bom vir para cá ver como os brasileiros treinam, além de poder aproveitar o verão o ano inteiro e não ter um longo inverno (GLOBOESPORTE.COM, 2018).

Como pode ser observado, os atletas estrangeiros que atuaram no Brasil, apresentam que o alto nível do voleibol brasileiro é um ponto de atração para esses jogadores. No entanto, em suas individualidades eles apresentam pontos que se diferem para a escolha, seja em relação à cultura do país de destino, relação interpessoal com pessoas de dentro ou fora do voleibol, seja como oportunidade de aprendizado, ou mesmo por conta das condições climáticas brasileiras.

Finalizando essas análises, pode-se concluir que é salutar pensar que o Brasil enquanto um ponto semiperiférico no sistema global, economicamente falando, não seria um destino atrativo para esses esportistas, ainda mais se tratando de países em posição semelhante ou superior. No entanto, acredita-se que a cultura esportiva do país pode influenciar na formação de talentos, o que em excesso pode gerar uma necessidade de distribuição por diversas partes do globo. Além disso, mesmo o Brasil não sendo economicamente central, esportivamente no caso do Voleibol é uma das grandes ligas internacionais. Para Bale e Sang (1996) é uma clara característica da globalização. Segundo os autores se trata de uma divisão internacional do trabalho esportivo, ou seja, os países que enviam seus jogadores para o Brasil, são importantes formadores de talentos na modalidade.

É imprescindível nessas análises ter cautela com inferências, uma vez que o entendimento de divisão internacional de trabalho empregado aqui, não faz referência ao entendimento marxista. De acordo com Molnar (2011) as análises estruturalistas do fenômeno indicam que os países mais periféricos do sistema mundial permanecem dependentes do domínio dos países centrais. Apesar de terem seus pontos fortes na relação do mecanismo de recrutamento e deslocamento de atletas, no caso da presente pesquisa essa abordagem falha, uma vez que países superiores ou semelhantes na posição do sistema global enviam “mão de obra” para o Brasil, não sendo possível pautar as explicações e análises do fenômeno migratório apenas pelo viés econômico. Nesse sentido, Molnar e Maguire (2008), alertam que outros fatores afetam os padrões de migração, como é o caso da proximidade geográfica e a cultura, como aqui proposto.

Apoiando-se em Giddens (2008), compreende-se que a divisão de trabalho é algo extremamente complexo.

A existência de uma divisão do trabalho extremamente complexa e diversificada constitui uma das características mais distintivas do sistema econômico das sociedades modernas. Por outras palavras, o trabalho divide-se em numerosas ocupações diferentes, em que as pessoas se especializam (GIDDENS, 2008, p. 381).

Para o autor, o trabalho se divide em diferentes ocupações, sendo que as pessoas estão se especializando nas funções. Aproximando do campo esportivo, e para o lócus do presente estudo, observa-se que os países se especializam em algumas modalidades, podendo ser essa especialização observada pela capacidade de formação de talentos de cada localidade, assim como evidenciado por Bale e Sang (1996).

Como essa divisão do trabalho no esporte, de acordo com Bale e Sang (1996), é uma característica da globalização, vale apoiar-se na análise a partir da glocalização. De acordo com Giulianotti e Robertson (2007, p. 134),

a glocalização destaca como as culturas locais podem se adaptar ou resistir criticamente aos fenômenos "globais" e revela a maneira pela qual a própria criação de localidades é um componente padrão da globalização.

Também, trazendo para um contexto recente na história, pode-se aplicar o entendimento na produção de localidades ou mesmo identidades. Segundo Giulianotti e Robertson (2007), uma especialização da cultura esportiva local, ou seja, os países com maior capacidade de produção de talentos e esportes primários, enviam seus atletas ao redor do mundo. Nas interpretações dos autores, universalizam suas culturas locais.

Os dados evidenciam que em alguns casos a preferência populacional por uma modalidade esportiva pode resultar em um maior desenvolvimento de talentos atléticos. Porém, como observado nos casos do voleibol americano e cubano, os países são produtores de talentos, contudo, não há mercado para a demanda interna, obrigando seus talentos a buscarem posições fora do país.

Analisadas as origens dos atletas estrangeiros em atuação no Brasil, compreende-se que a migração de pessoas envolvidas com o esporte está ligada ao avanço da globalização do fenômeno, bem como da sociedade. Não esquecendo de que por mais que a globalização do esporte seja evidenciada, observa-se que os dados reforçam que a globalização não é um fenômeno unilateral, ou unicamente imperialista, e sim envolve uma interdependência complexa de localidades. A

glocalização ajuda a compreender as produções de identidade e de resistências ou adaptações de culturas locais.

Nesse processo de resistências e adaptações, pode-se inserir também a atuação dos Estados-nações, bem como instituições transnacionais, as quais atuam também para minimizar ou avançar com o fenômeno globalizante.

### **Considerações finais**

A partir do objetivo de analisar a migração de atletas estrangeiros para competir na Superliga Brasileira de Voleibol, os resultados apresentaram que não há um padrão de crescimento de atletas estrangeiros que migraram para o voleibol brasileiro. Observou-se também que o maior doador de estrangeiros para o Brasil foram os Estados Unidos entre as mulheres e Cuba entre os homens.

Essas informações revelam que o padrão de migração de jogadores de voleibol para a Superliga Brasileira é majoritariamente continental, ou seja, os migrantes são de origens do continente americano. Deve-se notar que o tipo de padrão encontrado revela que países que ocupam diferentes posições no sistema mundial enviam sua força de trabalho excedente para um país com *status* semiperiférico no sistema mundial. Isso pode ser explicado pela cultura de formação do voleibol na origem desses atletas, gerando um alto volume de produção de talentos.

Importa ressaltar que o presente estudo apresenta algumas limitações, uma vez que não fizeram parte do objetivo nesse momento da pesquisa, alguns pontos, como por quantas equipes competiram, qual destino tiveram após saírem do Brasil, entre outras informações, que podem ser relevantes e serem consideradas para estudos futuros sobre a migração no voleibol brasileiro.

Por fim, sugere-se a realização de estudos relacionados à migração de jogadores de voleibol, em que se amplie as observações, incluindo entrevistas e questionários para análise da vida destes jogadores quando estiverem fora de seu país, expor dados de pesquisa que revelem as condições em que se encontram e quais são seus objetivos como migrantes no mundo do voleibol.

### **Referências**

ALMEIDA, Barbara Schausteck *et al.* O país do futebol que joga com as mãos: a gestão esportiva da Confederação Brasileira de Voleibol. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva-Rigd**, v. 2, n. 2, p. 144-162, 2012.

BALE, John; SANG, Joe. **Kenyan running: Movement culture, geography and global change**. Routledge, 1996.

BARIFOUSE, Rafael. **Liga das Nações de Vôlei: como Leal se tornou o primeiro 'estrangeiro' da seleção brasileira**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48440440>. Acesso em: 04 fev. 2020.

BINDER, John J.; FINDLAY, Murray. The effects of the Bosman Ruling on national and club teams in Europe. **Journal of Sports Economics**, v. 13, n. 2, p. 107-129, 2012.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. The organic ethnologist of Algerian migration. **Ethnography**, v. 1, n. 2, p. 173-182, 2000.

CALDAS, D.; ABRAHÃO, B. O. de L. O futebol como identidade nacional e social: uma revisão sistemática (2002 a 2021). **FuLiA/UFMG**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 184-215, 2022. DOI: 10.35699/2526-4494.2022.36834. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/36834>. Acesso em: 19 jan. 2023.

CARTER, Thomas F. Re-placing sport migrants: Moving beyond the institutional structures informing international sport migration. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 48, n. 1, p. 66-82, 2013.

CHIBA, Naoki. Migratory motivations of American professional basketball players in Japan, Spain and Australia. **Asia Pacific Journal of Sport and Social Science**, v. 2, n. 2, p. 104-116, 2013.

CROSSAN, William. Representation of sporting migrants: primary versus secondary. **European Journal for Sport and Society**, v. 14, n. 1, p. 5-25, 2017.

DONNELLY, Peter. The local and the global: Globalization in the sociology of sport. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 20, n. 3, p. 239-257, 1996.

FIVB, International Volleyball Federation. **The Founding**. 2022. Disponível em: <https://www.fivb.com/en/volleyball/thefivb/history>. Acesso em: 14 dez. 2022.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **sociología**. Alianza editorial, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. Forms of glocalization: Globalization and the migration strategies of Scottish football fans in North America. **Sociology**, v. 41, n. 1, p. 133-152, 2007b.

GLOBOESPORTE.COM. **Superliga tem número recorde de estrangeiros mesmo em tempos de crise econômica**. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/volei/noticia/superliga-tem-numero-recorde-de-estrangeiros-mesmo-em-tempos-de-crise-economica.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2022.

GRATTON, Chris; JONES, Ian. **Research methods for sports studies**. Routledge, 2010.

JÚNIOR, Hilário Franco. Brasil, país do futebol?. **Revista USP**, [S. l.], n. 99, p. 45-56, 2013. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.voi99p45-56. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76216>. Acesso em: 26 jan. 2023.

KASZNAR, Istvan Karoly; GRAÇA FILHO GRAÇA FO. **O esporte como indústria: solução para criação de riqueza e emprego**. Confederação Brasileira de Voleibol, 2002.

KING, Russell. Theories and typologies of migration: an overview and a primer.– Willy Brandt Series of Working Papers in International Migration and Ethnic Relations 3/12. **Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare (MIM)**.–Malmö, 2012.

LEE, Seungbum. Global Outsourcing: A different approach to an understanding of sport labour migration. **Global Business Review**, v. 11, n. 2, p. 153-165, 2010.

LOVE, Adam; KIM, Seungmo. Sport Labor Migration and Collegiate Sport in the United States: A Typology of Migrant Athletes. **Journal of Issues in Intercollegiate Athletics**, v. 4, n. 9. p. 90-104, 2011.

MADICHIE, Nnamdi. Management implications of foreign players in the English Premiership League football. **Management Decision**, v. 47, n. 1, p. 24-50, 2009.

MAGEE, Jonathan; SUGDEN, John. “The World at their Feet” Professional Football and International Labor Migration. **Journal of sport and social issues**, v. 26, n. 4, p. 421-437, 2002.

MAGUIRE, Joseph. Preliminary observations on globalization and the migration of sport labour. **The Sociological Review**, v. 42, n. 3, p. 452-480, 1994.

MAGUIRE, Joseph. Sociologia do esporte. In: HAAG, Herbert; KESKINEN, Kari; TALBOT, Margaret (Ed.). **Diretório da ciência desportiva**. 6. ed. Tradução: FERREIRA, Eliana Lucia (Coord.). Juiz de Fora: NGIME/UFJF, 2016. p. 115-122.

MAGUIRE, Joseph. Sport labor migration research revisited. **Journal of sport and social issues**, v. 28, n. 4, p. 477-482, 2004.

MAGUIRE, Joseph. **Sport and migration**. Blackwell Publishing Ltd, 2013.

MAGUIRE, Joseph; FALCOUS, Mark (Ed.). **Sport and migration: Borders, boundaries and crossings**. Routledge, 2010.

MARONI, Fernando; MENDES, Dílson; BASTOS, Flavia. Gestão de Voleibol no Brasil: O caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. **Rev. bras. educ. fis. esporte 24 (2)** Jun 2010.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Migration for Work: Brazilian Futsal Players’ Labor Conditions and Disposition for Mobility. **Journal of Sport and Social Issues**, p. 0193723520928592, 2020.

MOLNAR, Gyozo. From the Soviet Bloc to the European community: Migrating professional footballers in and out of Hungary. **Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings**. London: Routledge, p. 56-69, 2011.

MOLNAR, Gyozo; MAGUIRE, Joseph. Hungarian footballers on the move: Issues of and observations on the first migratory phase. **Sport in Society**, v. 11, n. 1, p. 74-89, 2008.

MOREIRA, Tatiana; VLASTUIN, Juliana; MARCHI JR, Wanderley. O voleibol



feminino e seu posicionamento no campo esportivo brasileiro. **Motrivivência**, n. 41, p. 269-280, 2013.

NJORORAI, Wycliffe W S. Distance running in Kenya: athletics labour migration and its consequences. **Leisure/Loisir**, v. 36, n. 2, p. 187-209, 2012.

NUNES, Camila Da Cunha; ROCHA, Manoel José Fonseca. Processos migratórios e deslocamentos: o caso de atletas estrangeiros na maratona de São Paulo. **Materiales para la Historia del Deporte**, n. 19, p. 27-45, 2019.

NVA (Usa). **About The NVA**. 2020. Disponível em: <https://nvausa.com/about>. Acesso em: 04 fev. 2020.

OLIMPÍADA TODO DIA. **Estrangeiros são arma corriqueira nas edições da Superliga**. 2020. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/volei/265945-estrangeiros-superliga/>. Acesso em: 19 set. 2022.

O'REILLY, Karen. International migration and social theory. **The encyclopedia of global human migration**, 2013.

POLI, Raffaele; BESSON, Roger. From the South to Europe: a comparative analysis of African and Latin American football migration. **Sport and Migration: borders, boundaries and crossings**, p. 15-30, 2011.

PONTES, Vanessa Silva *et al.* Migração no Voleibol brasileiro: a perspectiva de atletas e treinadores de alto rendimento. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 1, p. 187-198, 2018.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos *et al.* O caso de Yoandy Leal: uma análise do processo de naturalização no voleibol brasileiro. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 25, n. 269, 2020.

ROJO, Jeferson Roberto. **Migração esportiva**: um olhar para os corredores de rua africanos no Brasil. 2020. 269f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

ROJO, Jeferson Roberto; RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos; STAREPRAVO, Fernando Augusto. The process of formation and development of an academic field: the example of sport migration. **International Sports Studies**, [S.L.], v. 43, n. 2, p. 52-67, 15 dez. 2021. Logos Verlag Berlin GmbH. <http://dx.doi.org/10.30819/iss.43-2.05>.

ROJO, Jeferson Roberto; SIMIYU, Wycliffe W. Njororai; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Research on sports migration: an analysis of methodological procedures. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 20, n. 2, p. 546-553, 2020.

ROJO, Jeferson Roberto; STAREPRAVO, Fernando Augusto. Proposal for an Analytical Model for Sports Migration. **Journal of Sports Research**, v. 8, n. 2, p. 75-81, 2021.

TAVARES, Marcelo Luis Ribeiro Silva *et al.* O SISTEMA DE RANQUEAMENTO DO VOLEIBOL BRASILEIRO E SEUS DESDOBRAMENTOS. **Movimento**, v. 25, p.

e25054, 2019.

WAGNER, Eric A. Baseball in Cuba. **The Journal of Popular Culture**, v. 18, n. 1, p. 113-120, 1984.

ZAPALAC, Ryan K.; ZHANG, James J.; PEASE, Dale G. Understanding women's collegiate volleyball spectators from the perspectives of sociodemographics, market demand and consumption level. **International Journal of Sports Marketing & Sponsorship**, v. 11, n. 4, 2010.

Recebido em Janeiro de 2023

Aprovado em Setembro de 2023